

GERMANISMOS POUCO ESTUDADOS DO GALEGO-PORTUGUÊS

por Higinio Martins Esteves

ÁSCUA, é castelhanismo?

Etimologias de *ásqua*, *áscuara*, *ascuar* e *ascueira*.

BABORDO, BOMBORDO, BALBORDO

Etimologias de
bombordo, *babordo*, *estibordo*, *balbordo*, *balbor*,
balbúrdio, *balborda*, *balbúrdia*, *balburdiar*, *balbordar*.

GAITA

e a complexidade da pesquisa etimológica

A etimologia germânica e os revérberos etimológicos e paretimológicos

Misteriosas OUVAS

Etimologias de *ouva*, *Gonçalo* e *Gonçalves*.

SAURUS em galego-português

Etimologias de *chouriço*, *abesouro*, *besouro*,
soula, *soira*, *souria*, *sourião* [-om], *ressouro*, *souril*.

ÁSCUA, É CASTELHANISMO?

A falta de documentos de *ásqua* na língua medieval (o primeiro é do séc. XVII) perante a documentação castelhana (séc. XII) levou a descrever do condição patrimonial da voz e tê-la por empréstimo do castelhano. Coromines, entre a redação do DCELC e os acréscimos do DCECeH, não teve a fortuna de conhecer os dados galegos que lhe teriam mudado a opinião. Não trarei dados novos; os existentes chegam para configurar uma história assaz diversa da que circula. Da inverossímil etimologia basca já falou o Mestre. Ora, diferir para a língua ibérica, da que tão pouco se sabe, é substituir uma incerteza por outra. Aliás, a ser iberismo, deveria achar-se primeiro em aragonês e catalão, e aí não há rasto.

Cumprê vê-la nos dialectos locais e constatar a presença de derivados. Em castelhano a popularidade de *ásqua* é moderna, e cresce em detrimento de *brasa*, qual nota Coromines. Logo cabe supor aí um uso anterior mais restrito, paulatinamente menor ao recuar no tempo. Em galego-português o caso é inverso; predomina *brasa*, e *ásqua* parece acantado. Ora, se queremos ver onde surgem derivados, ficamos reduzidos ao reino de Leão dos sécs. IX e X, quer dizer, à velha Galiza *lato sensu*, à Galécia. Coromines cita de Vigón o ast. *áscuara* “ásqua”. No galego, Eládio R. González cita *ascueira* (“ascoeira”) “soleira da porta do forno”, e no apêndice lê-se *ascuar* (“ascoar”) “queimar, tostar”: “o pão está *ascuado* (Lugo)”. Há pois dados novos: um derivado nominal de *ásqua*, *ascueira*, arraigado na cultura lareira; e o verbo *ascuar*, diverso do valor moderno de *ásqua*, o que firma a antiguidade. A fundura do verbo da Galiza oriental (=Galécia central) robora-a o ast. *áscuara*, proparoxítono que será antigo: vimos os nomes de sufixo átono -RO- serem de origem pré-romana, deverbais que tomam a 3ª sg. de pres. de indicativo. A deriva, já não produtiva, tem muitos exemplos que notam grã vigor em data românica. *Áscuara* é “a que queima”. Os dados deslocam ao Noroeste o foco da palavra, tiram as teses basca e ibérica e reinstalam a germânica.

Inverossímil um étimo germânico? Fora-o a ter evoluído em castelhano, mas não é em português. Veja-se o Kluge: o gót. *azgō* f. “cinza quente”, de indo-europeu *AS-GHŌN-, não é apropriado, se a voz é firme no NO hispano, aonde vieram germanos ocidentais, suevos e vândalos hasdingos, que qual todos os germanos fora dos godos, têm formas afins vindas do ie. *AS-GŌN-; isto é, que germ. ocidental e escandinavo acusam o protótipo *ASKŌN- f. Este cabe supô-lo a inícios do séc. V, ao entrar na Galécia. A cita dos primeiros escritos germanos, do séc. VIII, confundiu os não-germanistas. A escrita mais velha é *aska* (alto alem. ant. e ant. nórdico), que García de Diego cita, hesitando entre duas etimologias. Não é a forma a aguardar, senão a suposta coerentemente: o suevo *ÁSKŌN f., que entraria ao latim galeco como *ASCŪNA. É provável nunca se ter escrito; talvez é melhor supor o proto-românico *ÁSCŌNA. Palavra das classes altas, especializou-se no sentido valioso para elas, a forja das armas. Ainda hoje se nota *ásqua* estar mais perto de ferreiros que de carvoeiros e cozinhas. A *ÁSCŌNA de origem sueva ficou no centro peninsular quando Galécia foi o reino de Leão. Palavra dos dominantes, com eles foi para o Sul na reconquista, não sem antes receber cunho de origem na queda do N intervocálico. Assim *ÁSCŌNA passou a *ásqua* por dissimilação, como *sua*, *tua* e *boa* (de lats. *sŭa*, *tŭa* e *bŏna*). As grafias *áscoa* e *ascoar* não notavam um O fechado, mas U aberto, não semiconsonântico; para destacar a presença de hiato tradicional. *Áscua* ficou fraco no solar; o povo era fiel ao vulgar *brasa*¹, e foi crescendo nos novos territórios a favor da expressividade inovadora e do favor social.

¹ Veja-se a sugestiva hipótese de Coromines a respeito de *brasa* no seu DCECeH.

BABORDO, BOMBORDO, BALBORDO

(*bombordo, babordo, estibordo, balbordo, balbor, balbúrdio, balborda, balbúrdia, balburdiar, balbordar*)

A arte náutica germana atingiu o nível para dar origem aos nomes europeus das bandas das embarcações: baixo-alem. e neerl. *bakboord*, anglo-sax. *bæcbord*, nórd. *bakbordī* “o bordo posterior”, e baixo-alem. e neerl. *stūrboord*, anglo-sax. *stēorbord*, nórd. *stjörnbordī* “o bordo do leme”. Que querem dizer tais nomes? Esse leme era remo de ampla pá escorado na parte posterior direita do navio; logo “o bordo do leme”, estibordo, é a banda direita. O homem do leme, piloto e timoneiro, manejava de costas viradas à esquerda, ao “bordo posterior” a ele, o bombordo. Este tipo de governo não lhes era exclusivo e aparece alhures.

Tem-se dito o galego-português ter tomado a voz do neerlandês através do fr. *bâbord*. É possível, e provável Normandia ser o teatro. Contudo pasma essa rapidez, que não avalia dois factos: o papel pioneiro da náutica portuguesa e as datas das suas documentações, que precedem às francesas. A francesa mais antiga é de 1484 (*babort*). Em português há *babos* em 1416² e *babordo* arredor de 1450³. O italiano *babordo* surge em tradução do português de 1510; logo a forma subsistia por volta desse ano. Outra tradução de português a italiano, de 1578, *buonbordo*, nota ter surgido antes desse ano o port. mod. *bombordo*, que virá da simples labialização **bobordo*, seguida da paretimologia que a forma impunha, apesar de a banda sinistra ser de menor honra no protocolo náutico nas marinhas clássicas. Em suma, a palavra entrou a inícios do séc. XV (a flutuação formal de *babós* será hesitação do tempo do empréstimo). O mais estável *babordo* dura até meados do séc. XVI. A labialização provoca então a paretimologia e ao cabo surge *bombordo*.

A história náutica está cheia de lacunas. Factos grossos sabem-se às vezes por conjectura e vias oblíquas. É muito pior na náutica menor, fluvial ou lacustre. O que não chega a hoje, ou surge num golpe de fortuna como achado arqueológico, é como se não tivesse existido. Rebusquei e não achei uma história dos governalhos. Só soube da doutrina de a navegação fluvial do norte derivar da técnica náutica germânica⁴, entanto que na costa venceria outra de onda posterior, mediterrânea de origem. Cumpre dar um salto e supor que o costume de governar embarcações pequenas de costas viradas à banda esquerda subsistiu por séculos (se não chegou a nós). Por que se deve supor? Façamos um rodeio. E. Rodríguez González, no DEGC, define assim o galego *balbordo*: 1º) ruído, algazarra, gritaria, alarido, confusão, desordem, tumulto (tópicos herdados, certos ou não), e 2º) *ruído longe, qual o do vento que açouta os arvoredos; estrondo, qual o do trovão prolongado; fragor, como de tempestade; estrépito, qual o do mar encolerizado, etc.* Será acaso *balbordo* “rumor longe, prolongado e surdo”, o ant. *babordo*, guardado por paretimologia dos frequentes *balbo* e *balbuciar*?

O timoneiro da barca, de costas viradas à esquerda, para governar usa a vista e o ouvido. Com a vista controla estibordo, proa e popa. Da esquerda, o bombordo, só percebe rumores, só escuta os rumores que tão ingénua e vivamente descreve Eládio R. González. O *babordo* isolado do geral *bombordo* perderia o núcleo semântico, a denotação espacial, deixando como centro o que antes eram meras conotações, os rumores do bombordo.

² *Descobrimientos Portugueses*, Col. de docs, ed. de J. Martins da Silva Marques, Lisboa, 1944, I, p. 242.

³ Azurara, Gomes Eanes de, *Crónica de D. Pedro de Meneses*, em *Inéd. Hist.*, vol. VII, p. 536.

⁴ Enciclopédia Internacional FOCUS, Sá da Costa Editora, Lisboa, 1965/70, I, p. 390.

Mas este *balbordo* cheio de rumores da marinha apresenta variações nas diversas falas do domínio: *balbor*, *balbúrdia*, *balborda*, *balbúrdio* e os verbos *balburdiar* e *balbordar*. Qual a primitiva? Da resposta depende a verossimilhança da hipótese aventurada. A mais antiga documentação de *balbordo* (e de todas as variantes) que conheço está no *Catálogo de Voces y Frases de la Lengua Gallega*, do P. Sarmiento, com duas menções na primeira parte (a que vai ao fólho 150r., cf. J. L. Pensado), redigida por 1745: “*Balbordo*. Ruído, zumbido, v.g.: allí hay un gran *balbordo* o *mormurio* de gentes que hablan” (110v.). A 2ª reenvia *balbordo* a *barbalhoar* “falar atropeladamente” (124r.). Os lexicógrafos posteriores repetem o vocábulo e definem similarmente, salvo as precisões de Eládio R. González. *Balbor* é galego. Carré define “Rumor. Ruído confuso”. E. R. González: “zunido, como de colmeal: *balbor de colmeias*”. Os dicionários posteriores repetem-no. O emergir da forma –que mais que outras nota paretimologia de *balbo*, erudito mas comum– precipitar-se-ia por haplogogia neste sintagma repetido: *balbordo de colmeias* > *balbor de colmeias*.

Balbúrdia é a forma comum em português normativo. Aparece na segunda edição do dicionário de Moraes, que é de 1813. Nela transparece o influência de *balbuciar*, que os dicionários etimológicos põem como possível étimo. Nessa mesma edição vem *balborda*, que não vejo no dicionário brasileiro de Aurélio Buarque de Holanda. De *balborda* sairá *balbúrdia*, com I epentético e metafonia. A ausência de *balborda* no Brasil nota ausência no port. do séc. XVI, e *balbúrdia*, forma comum no idioma literário, terá entrado ali justo pela via da escrita. *Balborda* hoje parece ser em Portugal “tumulto, desordem”, algo mais plástico e espacial que *balbúrdia*, que ainda é predominantemente “acústico”.

Forma próxima é o galego *balbúrdio*, em R. González e F. Grande, que tem o mesmo I epentético e similar metafonia. Deve de ser secundário como *balbúrdia*.

De *balbúrdia* tirou-se *balburdiar* “causar *balbúrdia*”, mas que, das definições e a ordem das aceções, podemos estimar que deriva para “confundir, misturar”.

Balbordar é o deverbale galego, definido “falar alegremente várias pessoas a par, com algazarra e gritaria” e “zumbar, fazer ruído contínuo e bronco a tempestade, o vento, o trovão, etc.” (E. R. González). Desta enfadonha enumeração deduzimos a precedência de *balbordo* e o carácter secundário das outras variantes.

Esta longa cadeia, de cabos conhecidos no neerlandês *bakboord* e no verbo *balburdiar*, tem de momento vários elos hipotéticos. Enquanto subsistir congruência geral no contexto, a hipótese poderá manter-se. Pois que até cá não topamos obstáculos, tentaremos continuar. Onde se gerou *balbordo*? Em que condições divergiu de *bombordo* e adquiriu novo rumo semântico? A meu ver, *babordo* deveu de subsistir, na Galiza e talvez em zonas do norte de Portugal, depois do séc. XVI. *Babordo* é a respeito de **bobordo* > *bombordo* como o gal. *balor* a respeito do port. comum *bolor*. As condições sociolinguísticas dos falares galegos nos séculos XVII e XVIII fariam perder peso denotativo à palavra – ora isenta de apoio em português por ter divergido a forma deste–. Nesse momento os valores conotativos, independentizados, organizaram novo núcleo semântico, expressivo pela herança própria e pelos factores fonossimbólicos de *balbo* e *balbuciar*.

Conclusões: Em etimologia cumpre a cautela nas hipóteses. Mas, a dar certa, teremos posto o pé num ponto da história náutica, teremos visto aspectos do processo sofrido pelo galego médio e deitado luz sobre a história do comércio linguístico, quase clandestino, entre duas zonas do domínio, entre a Galiza isolada e o Portugal soberano.

GAITA

E A COMPLEXIDADE DA PESQUISA ETIMOLÓGICA

Persuade a etimologia de Coromines para *gaita* “instrumento de vento com fole”, palavra hespérica esparsa pelo mundo. Cunhou-a uma língua germânica entrada aquém dos Pireneus a partir do séc. V, quer sueva, quer gótica, talvez as duas. No gótico de Úlfilas era *gaits* f. “cabra e cabrito”. O suevo, dialeto ocidental anterior à segunda mutação das consoantes, teria igual forma. Em toda a parte o fole é um odre de coiro de cabrito, único duradoiro; daí tanto nome da gaita conter o do cabrito. O gót. *gaits* era feminino e o dativo conservava o -A final; era congruente se adaptar ao românico como GAITA, numa data tarda, quando já não era obrigado o ditongo sofrer inflexão por causa do iode. É uma etimologia inatacável com os argumentos tradicionais.

A etimologia de Coromines é uma olhada lúcida e precisa, mas, como todos os saberes, um corte na realidade, uma simplificação necessária dos factos que a história, paulatina e vagarosamente, vai desvendando. A riqueza a surgir é muito mais complexa e emaranhada do que se cria. Um dado novo é a repentina descoberta de o céltico ter perdurado no Norte hespérico até perto do ano 1000, conforme a etimologia de *Orraca*. Os rastros do substrato mostram uma língua próxima do goidélico. Agora acrescentaremos uns dados conjecturais, mas suficientemente persuasivos.

O germ. **gaitaz* deu o gót. *gaits*, que na Bíblia de Úlfilas é “cabra” e também “cabrito”. Nas línguas germanas posteriores, os equivalentes são somente “cabra”: anglo-saxónio *gāt*, ant. alto alem. *geiz*, nórdico ant. *geit*. **Gaitaz* virá do indo-europeu **ghaidos*, roborado pelo lat. *haedus* “cabrito”. Este roborou o arcaísmo latino e nota um padrão semântico, que desliza os nomes dos caprinos novos, mais interessantes aos humanos, para a designação genérica. Ora bem, ponte entre o latim e o germânico era o céltico. Uma voz registada nos extremos geográficos deveria dar-se no centro. É razoável logo pôr um célt. ant. **GAIDOS* “cabrito”, tanto pela forma quanto pelo significado. Existiu no calaico? Provavelmente.

Outro; os nomes genéricos da espécie caprina nas línguas neocélticas vêm do protótipo **GABROS*, masculino e epiceno, de explicação ulterior obscura. Os outros ramos da família indo-europeia sugerem um próximo protótipo **kapros*, que serve a designar vários animais, sempre másculos. Coromines sugeriu **GABROS* vir de **KAPPROS*. Além dos pormenores, a sílaba GA- pode dever-se ao influxo do hipotético, mas provável, **GAIDOS*. Este parece-se com *gaits*, mas ao cabo é certo que isso não passa de uma mera semelhança.

O que pasma é outro. Todos os ramos do goidélico têm uma voz comum para “vento”: o gaélico, escocês e irlandês, *gaoth*, antes *gaeth*, que no irlandês primeiro se escrevia *gáith*. É uma forma feminina que recua a um pacífico protótipo antigo **GĀITĀ*. De momento não se registam ecos dele nos territórios de substrato britónico ou gaulês. MacBain, no dicionário do gaélico escocês, tira-o da raiz **ghei-* “fazer mover; vendaval”. É raiz de plexo semântico lato, que abrange a noção de “inverno”; daí o lat. *hiems* “inverno” (**ghi-em-s*, grau zero). Em Pokorny é a raiz **ghei-* (424-425) “to drive, throw; to wound”, e **ghei-* (425-426) “snow; winter”.

Que era o que entendiam os antigos falantes ao pronunciar *gaita*? “Vento”? “Cabrito”? O étimo germânico é irreprochável, e a paretimologia dos obscuros montanheses tão só uma possibilidade de momento. Mas talvez amanhã será uma probabilidade.

MISTERIOSAS OUVAS

A notícia mais velha das *ouvas* é de Murguia; pouco agregam outros autores. A mitologia galega já se delia na segunda metade do séc. XIX, como nota a crença na Santa Companha, que no primeiro terço do século XIX ainda era um bando demoníaco, bélico e aéreo, e hoje não passa de fúnebre procissão de fantasmas rente o chão.

As *ouvas* eram seres sobrenaturais a morar nos soutos e antros, de menor malignidade e poder que as *lúmiás*, lídimos vampiros. Murguia põe hipóteses da sua origem que não paga a pena referir. Apuradas as interpretações, do mito fica a limpo o nome *ouvas*, a sua índole fantástica e a turva moralidade. Eládio R. González traz dizer-se “magro como uma *ouva*” de quem é muito, e do menino débil e doentio dizer-se “parece uma *ouva*”.

Donde virá *ouvas*? Decerto de *albas*. Tal qual *alteru-*, *salu-* e *albīna* deram *outro*, *souto* e *ouvinha*, aqui o étimo é *albas*. Será o lat. *albās* “brancas”? Se não é, houve paretimologia à força nesse rumo: um homófono doutra origem daria fatalmente confundido com a voz latina. Fosse qual fosse o valor primo, o latim feminizava e empalidecia as *ouvas*. Não é voz latina. O que se oculta sob o nome é algo mais misterioso: os mesmos *elfos* germânicos, ora remoçados e relançados por Tolkien, Ridley Scott e tantos outros. Os dicionários etimológicos germânicos informam:

- a) germ. **alþiz*: ing. *elf* “pequeno ser sobrenatural”, séc. XVI “criatura travessa maléfica”, neerl. médio *elf*, sueco *elf*, danês *elv*, alto alem. médio *elbe* f. (f. por latim *alba*?), ingl. ant. pl. (*dun*)*elfa* “castálides”.
- b) germ. **alþinnja-*: ingl. ant. *iefen*, *elfen*, colet. sg. f., em (*wudu*)*elfen* “driades”, (*sæ*)*elfen* “náíades”.
- c) germ. **alþaz*: ingl. *ælf*, ingl. médio pl. *alven*, sax., baixo alem. médio *alf*, alto alem. médio *alp*, alem. *Alp* “pesadelo”.

Eis a fonte das *ouvas*, o germânico **ALBAZ*, que chegaria pelos suevos. Destes ou não, vai com *gaita* na preservação da vogal temática *-a* da fala germânica do empréstimo. Recorde-mos a evolução da imagem desta gente. O seu perfil lábil aparece belamente na história do germ. **Alþirīks* “rei dos elfos”, que surge no alto alem. ant. como o *Alberich* o rei dos anões no *Nibelungenlied*. *Alberich* deu latinizado *Albericus*, que passou ao fr. *Auberi*, ao anglo-normando *Albery*, *Aubery*, ao ingl. *Aubrey*. O fr. *Auberon* é diminutivo; nas letras medievais cobra o valor de “rei das fadas” e carácter mais benigno (“anão de cara angelical”), chegando ao ciumento *Oberon*, rei das fadas no *Sonho duma Noite de Verão* de Shakespeare. Na Galiza, a gente pequena feminizou-se, qual no alto alem. médio *elbe*, e empalideceu. Bem que essa palidez pudera ser na verdade um rasgo velho, presente na etimologia indo-europeia da palavra germana comum, alusiva às alvacentas névoas, “os espíritos da névoa”.

Um rasto hispano pouco divulgado é *Gonçalo* e o patronímico *Gonçalves*, obscuros no final. O primeiro registo é o baixo-lat. *Gundisalvus*. *Gundi-* é o germ. **gunþiō*, g. *gunþiōz* “luta”. Os nomes germânicos não usavam conter genitivos, mas não é impossível. *Gunþiōz* é o genit. gótico do séc. IV (Wulfilaz, coevo de Prisciliano). Do estado antigo do germ. ocid. pouco se sabe. Provável é o genit. suevo **gundiuz*, ou já **gundiz*, a determinar **alþaz*, o que leva a um **Gundiuz-alþaz* “Elfo (Espírito) da Batalha”, semanticamente congruente.

Conclusões: *Áscua* não é castelhanismo, em castelhano é galecismo antigo. A atinar o étimo, não novo, teremos dado mais um passo no árduo conhecimento do contributo suevo.

SAURUS

EM GALEGO-PORTUGUÊS

(*chouriço, abesouro, soula, soira, souria, sourião, ressouro, souril*)

Coromines, ao falar na origem de *SAURĪCIUM, étimo de *chouriço*⁵, aponta atinadamente ao lat. *saurus* de origem germânica, “amarelo escuro, dourado, trigueiro”, a causa do defumado do chouriço, mas assinala que “de todos modos nada se puede asegurar, en vista de que el adjetivo está escasamente representado en la península ibérica...”

No meu contributo ao primeiro congresso da AGAL, em 1984, apresentei uma nota breve sobre a etimologia de (*a*)*besouro*. Alegrou-me de ter topado outro rasto de *saurus*, que vinha a fortalecer aquela análise de *SAURĪCIUM. Então eu não sabia que o Mestre já detetara o étimo *APE-SAURU- (no DCECeH, de 1980), mal que para postergá-lo (generoso semeia ideias e estímulos sem cuidar-se de recolher). O exemplo obriga-me a reforçar o que creio importante para a história da cultura galego-portuguesa. Depois topei outras palavras da família de *saurus*; cuido oportuno juntá-las aqui para que se iluminem reciprocamente.

Saurus parece vir dum germânico *SAUZAZ > *SAURAZ “seco, torrado”, fundado no ie. **sousós*, cf. gr. αῦος “seco, enxuto” e outras formas, indo-iranianas, balto-eslavas e latinas. É palavra só germana ocidental, e aí só das línguas baixo-alemãs e do alem. médio, isto é, dos atuais inglês, neerlandês e baixo-alemão, dos seus precedentes e do frâncico. O francês, onde a família germano-românica é mais viçosa, parece ter recebido a palavra duas vezes. Uma onda frâncica do séc. VI deixou *sor* e *saur* como nome de cor, “jaune brun”, dado às cousas interessantes para os aristocratas que o introduziram. O nome de cor difundiu-se fora da França com a voga das cousas nomeadas. A segunda onda veio do neerlandês médio *soor* “defumado”, já no séc. XIII. Daí *saur* “(arenque) defumado” e muitos derivados, relativos à tecnologia alimentar. Quadra precisar as leves variações semânticas. O sentido básico é “torrar, ressequir por calor”. Algures passa a “murchar”, como no inglês. Aliás, segundo o calor, “torrar” passou a “tostar, queimar de leve” ou a “defumar”. Os dous cobraram valor de “escurecer”. O frâncico atendia principalmente à cor. Donde e quando recebemos nós?

Chouriço vem do medieval *souriço* cruzado com uma palavra que talvez fosse *chorume*. *Souriço* vem de *SAURĪCIUM. O gótico não ter *SAURAZ, a autoctonia da cultura material envolvida, a aparição tarda de *chorizo* em castelhano, todo aponta a origem portuguesa e o empréstimo ao castelhano. Será suevo? Viria pelo caminho de Santiago? A semelhança do fr. *sauris* “salmoira (dos arenques)” surpreende, mas é superficial. Se os dous ao cabo vêm de *SAURĪCIUM, no imediato *sauris* foi o neerlandês médio *soor*, sem ditongo. Com ele a grafia francesa acusa influxo do baixo-latim. A voz galego-portuguesa, além da diferença semântica, tem ditongo, o que recua a introdução na Galécia a meados do anterior milénio e assim deixa fora o neerlandês. Não há outra possibilidade que o suevo.

Os suevos entraram com o séc. V. Então ainda não fechara definitivamente nenhuma das mutações consonânticas que perfilam o românico perante o latim. Coromines descrê do étimo *APE-SAURU- pelo -S- sonoro do português. Porém então já era composto formado.

⁵ Em DCELC II, 81a 28 ss., agora DCECeH II, 393b 8 ss.

Ape- não continuou; o que nos chegou foi *apicula*. Daí as sonorizações de -P- e -S- serem solidárias e aproximadamente coevas. Mais do que *SAURĪCIUM, é *APE-SAURU- o que nos leva a suspeitar uma introdução precoce, que não pode ser atribuída senão aos suevos.

No seu *Vocabulário de Sam Jorge de Piquim*, Aníbal Otero diz em Moreira (Cervantes, Ancares, Lugo) chamarem *soira* ao suão de verão, que o mesmo vento é *soula* em Álvare (Pastoriça, Lugo), e que em geral na Terra de Fonsagrada, no Nordeste de Lugo, o vento do Sul é *souria*. Por extensão, às vezes dão este nome a um vento seco e frio. *Dia de souria* é seco e quente, dia de vento áspero que dana os frutos. *Sourião* é o mesmo ali. Ainda fala num *ressouro* (resouro) “cor encarnada que toma a pele do porco quando está muito tempo ao sol”. É palavra de Guilharei, em Tui.

Soira e *soula*, de igual significado, parecem vir de **soura* < *SAURA. Ora, nestas terras do Norte o ditongo OI a custo venha do OU por comutação. Antes virá de *SAURIA. Nesse caso, *soula* será algo diferente e o L procederá dũa dissimilação: *(AURA) SAURA. *Souria* é derivação românica e dela virá *sourião*. Enfim, *ressouro* (*resouro*) virá de *RE-SAURU-.

Os nomes de ventos viajam pelas rotas marinhas, mas as terras notadas são mediterrâneas e os termos, próprios do léxico lavrador. A cor da pele do porco pouco interessava aos senhores francos, apesar de nome de cor.

Souril: Eis uma palavra que ergue defesas. O dicionarista principal foi Carré, que define “sorridente, alegre”. A superficial aparência de arremedo do fr. *sourir* deve de ser a causa do esquecimento da crítica. Porque a palavra parece bem geral. Usaram-na Cabanilhas (Rias Baixas), Cotarelo (Galiza asturiana) e Valadares (Santiago). Registam-na Carré (Corunha), Eládio R. González (Ourense), Crespo Pozo (Ponte-Vedra; e assinala Fisterra) e Carvalho Calero (Ferrol). A restrição crítica e o cariz das definições roboram que a paretimologia paira sobre a palavra. Eládio R. González não se limita à definição e acrescenta: “Alegre, sorridente, vivaz. Aplica-se especialmente a rapazinhos e moças. Também se diz de olhos expressivos e *churrusqueiros*”.

Do que visto deduz-se que aqui teríamos um *SAURĪLIS, -E “queimante, ardente” muito expressivo e quase inconveniente. É curioso o sublinhado de *churrusqueiro*, que é de R. González. *Churrusqueiro* e *souril* são hoje palavras expressivas, de escassa denotação, das que R. González não conhecia decerto a história. As duas vêm de étimos para “queimar de leve”, hoje invisíveis. Quanto à antiguidade de *SAURĪLE-, o sufixo, antigo, pouco produtivo, contribui a confirmar a antiguidade da entrada de *saurus* ou seu equivalente germânico.

Conclusões:

*SAURĪCIUM, *APE-SAURU- (ou APISAURUS), *SAURĪLIS, -E, *(AURA) SAURA e *SAURIA são muitas roborações. Ténues e esvaídas, mas convergentes. Todo aponta a uma entrada precoce, provavelmente com suevos e hasdingos. *APE-SAURU- e *RE-SAURU- são vozes de lavradores. E *(AURA) *SAURA e *SAURIA. *SAURĪLE, hoje expressivo e metafórico, seria dantes também vocábulo agrícola. Assim convergem a cultura material agrária, a montanha arcaizante, as desinências latinas. Não é de crer numa importação da Gália. São estes suebismos certos, mais preciosos por escassos.